

ANAIS DO
VII SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES
UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA

Organizado pelo Prof. *Eurípedes Simões de Paula*

A CIDADE E A HISTÓRIA

VOLUME I

LV
Coleção da *Revista de História*
Sob a direção do Professor
Eurípedes Simões de Paula



SÃO PAULO — BRASIL
1974

PROBLEMÁTICA DA CIDADE COLONIAL (*).

BRASIL PINHEIRO MACHADO

do Instituto de Ciências Humanas da Universidade
Federal do Paraná.

De uma maneira geral, nas ciências sociais, o enfoque do estudo da cidade consiste no estudo analítico dos fenômenos sociais que ocorrem dentro da cidade e que se redefinem com a intensificação do fenômeno urbano dos tempos atuais. O conceito de cidade como uma “totalidade” passa a um segundo plano. Mas a cidade é, fundamentalmente, um fenômeno histórico, integrante da sociedade global envolvente e participante dos processos históricos que se desenvolvem na região em que está situada. É uma unidade que se transforma sem cessar e que assume funções diferentes conforme o tempo e o lugar.

Daí que os estudiosos ensaiem sempre uma classificação das cidades com critério que sirvam às intenções da pesquisa. Um especialista da Sociologia urbana sugere, mesmo, como preliminar, a identificação dos *tipos* de cidade do passado e do presente, tendo como critério o tipo de urbanização (1). Nessa linha, Gideon Sjoberg (2), na procura da mais ampla generalização, constroi o tipo de “cidade pré-industrial”, como um *genus* a que pertencem cidades do passado e do presente, contendo em si a organização social tradicional que alcança até a Antiguidade. Evidentemente, o tipo que sucede à cidade pré-industrial é o da cidade industrial, que encarna a tipicidade do moderno e que está referida à evolução do capitalismo como sistema.

O capitalismo, sem dúvida, nas suas transformações históricas, é o ponto de referência das transformações da cidade. Toda a histó-

(*) — Comunicação apresentada na 3ª sessão de estudos, Equipe B, no dia 4 de setembro de 1973 (*Nota da Redação*).

(1) — Glass (Ruth), *Trends in Urban Sociology*, in “Current Sociology”, vol. 4, nº 4.

(2) — Sjoberg (Gideon), *The Preindustrial City, Past and Present*.

ria moderna é uma sucessão de situações e de mudanças sociais, provocadas pelas manifestações históricas do capitalismo moderno. Por isso mesmo é válida a metodologia weberiana dos tipos-ideais. Na procura da compreensão da especificidade ocidental do capitalismo moderno, além da tipificação de outros “indivíduos históricos”, Max Weber investiga a participação causal da cidade. Para esse fim, distingue quatro tipos de cidade na história do mundo: a cidade asiática, a cidade antiga, a cidade medieval e a cidade ocidental. Somente esta — a ocidental — apresentava elementos que logicamente poderiam sustentar o tipo de desenvolvimento do capitalismo moderno. Esse elemento era um tipo de burguesia, caracterizado por uma ética específica e por um tipo específico de ação social (3).

II

Na sua primeira fase histórica, que é a mercantilista, o capitalismo expande suas estruturas através do Atlântico, atingindo o continente americano, onde se completa ao criar a *situação colonial*.

O processo da estruturação da situação colonial, que é a própria história da colonização, constitui o processo histórico elementar dentro do qual está colocado o problema da cidade colonial.

Na explicitação de seus tipos ideais referidos ao capitalismo moderno, Weber observa que a “cidade ocidental” aparece com mais pureza típica nas regiões do norte da Europa, enquanto que nas cidades do sul misturam-se traços asiáticos e ocidentais, de maneira que a cidade do Mediterrâneo aparece como um tipo intermediário entre a cidade asiática e a cidade ocidental do norte da Europa.

Em princípio, a cidade colonial brasileira é uma transposição cultural da cidade mediterrânea, na forma jurídica e administrativa do município português. Teria a cidade colonial capacidade para abrigar uma burguesia que exercesse funções semelhantes a aquelas exercidas pela burguesia das cidades européias, como teve capacidade de exercer funções jurídicas e administrativas?

III

O problema pode ser encaminhado pela análise da função que a cidade colonial exerceu no processo da criação e da reprodução do capitalismo colonial.

(3). — Weber (Max), *La Ciudad*, in “Economía y Sociedad”.

O fundamento da colonização se encontra no próprio sistema capitalista, na fase histórica do mercantilismo que, por meio do comércio, realizava a acumulação de capitais nos polos metropolitanos. Para o caso brasileiro, a questão pode ser resumida na conclusão dos estudos de Caio Prado Júnior (4): em seu conjunto a colonização dos trópicos e, especialmente do Brasil, foi uma “vasta empresa comercial”, destinada a explorar os recursos naturais de um território virgem em proveito do comércio europeu. Mas, a essa vasta empresa comercial, na configuração que por isso mesmo tomou dentro da área colonial, cabia apenas a *produção* dos artigos com que se fazia o comércio. Às metrópoles cabiam as *transações comerciais*, que geravam os lucros que possibilitavam a “primitiva acumulação de capital” nas economias metropolitanas.

Pelo caráter de exploração agrícola de que logo se revestiu a colônia não foi a cidade a unidade de produção, mas o latifúndio. Da predominância econômica do latifúndio no sistema de produção resultou a predominância social e política da classe latifundiária, classe essa que não se assemelhava a qualquer tipo de burguesia e que era, mesmo, nos documentos coetâneos, chamada de “nobreza”. A comercialização da produção, isto é, as transações comerciais, eram feitas diretamente pela burguesia comerciante das cidades metropolitanas que nesta matéria, detinham o poder de decisão. Nenhum grupo da cidade colonial participava, com poder de decisão, na completação dos fluxos comerciais que se dirigiam da colônia para a metrópole e desta para aquela. A cidade colonial, pois, encontrava-se marginalizada na estrutura de reprodução da vasta empresa comercial da colônia. Isto equivale a dizer que a cidade colonial não teve condições de desenvolver uma burguesia. O exame de sua população o comprova. A cidade colonial era habitada por artesãos; mascates; dono de lojas que às vezes serviam de comissários a comerciantes da metrópole; funcionários das burocracias administrativa, militar e eclesiástica; pelas famílias dos latifundiários que dominavam a organização política por meio das câmaras municipais; e por escravos.

IV

Em conclusão: a cidade colonial brasileira era, inicialmente, uma transposição cultural da cidade mediterrânea, mas, na sequência histórica da completação do sistema capitalista, foi marginalizada sócio-economicamente pelo próprio processo da colonização.

(4). — Prado Júnior (Caio), *História Econômica do Brasil*.

As tipologias correntes, autores modernos procuram acrescentar o tipo de “cidades latino-americana”, cuja dinâmica está ligada ao aparecimento de uma burguesia comercial ou industrial, que assinala as modificações do processo colonial noutra etapa histórica do sistema capitalista.

* * *

INTERVENÇÃO.

Da Prof.^a *Aline Castello Branco* (Pontifícia Universidade de São Paulo).

Solicita um esclarecimento:

“Esta marginalização sócio-econômica da cidade colonial brasileira não faria parte do processo colonial inserido no mercantilismo, como necessidade de manter a colônia cada vez mais dependente da Metrópole?”

* * *

RESPOSTA DO PROFESSOR BRASIL PINHEIRO MACHADO.

A Prof.^a *Aline Castello Branco*.

Respondendo, diz:

“Acho que sim. A marginalização sócio-econômica da cidade colonial dentro do processo colonizador é mais um aspecto necessário da integração do sistema capitalista mundial do que uma ação política da Metrópole”.